

MEMÓRIAS E (IN)QUIETAÇÕES NAS PERFORMANCES DE CANTADORES DE VIOLA E APOLOGISTAS EM UM PERÍODO PRÉ- ELEITORAL: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE UM SER(TÃO) RESISTENTE.

Marcelo Vieira da Nóbrega; Maria Ignez Novais Ayala (Orientadora)

*Universidade Federal da Paraíba (vi2002@uol.com.br; Universidade Federal da Paraíba
(Ignez_ayala@uol.com.br)*

Resumo: Incorre-se em equívoco irreparável, durante a pesquisa etnográfica, desconhecer a importância da imersão dos sujeitos apologistas e cantador de viola, este quando em performance, no mundo no qual ambos estão inseridos. Aqui, de acordo com a perspectiva teórica de Negri e Hardt (2005), não defendemos a redução das formas poéticas – dentre as quais o improviso de viola faz parte – meramente a condições socioeconômicas, políticas ou sociais, entretanto reconhecemos que a literatura, enquanto produção linguística e estética, refrata tal universo, daí a razão de apreendermos as subjetividades em cascata que ocorrem entre os sujeitos cantador de viola, em performance, e apologistas (plateia) no interior desse mundo de relações. Este trabalho traz como escopo central de análise um relato de experiência vivenciado a partir da nossa imersão, enquanto pesquisador, em dois momentos distintos de observação e gravação, em mídia eletrônica, de cantoria de viola: o primeiro deles, em cantoria na modalidade pé-de-parede, realizada na cidade de Campina Grande (PB), no dia 07/06/2108, entre os cantadores Raimundo Caetano (paraibano, 63 anos) e Felipe Pereira (rio-grandense, 23 anos); e o segundo, um baião de sextilhas, defendido pelos cantadores Manoel Messias (rio-grandense, 55 anos) e José Albino (rio-grandense, 20 anos), gravado em festival de cantadores, realizado na cidade de Buenos Aires (PE), no dia 18/08/2018. Em ambas as performances, três questões emergiram: 1ª) a efervescência do período pré-eleitoral para as eleições de 2018; 2ª) as incertezas jurídicas da possibilidade de candidatura do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva à Presidência da República para este pleito; e 3ª) a repercussão da (i)legitimidade da prisão deste político, preso desde abril de 2018, pelo TRF (Tribunal Regional Federal) – 4ª Região – sediado no Paraná. Nesta perspectiva, como objetivo fundante nos propomos a analisar de que forma, e em que níveis, tais fenômenos puderam interferir nas performances (através de sextilhas e décimas) dos repentistas, bem como nas reações dos apologistas presentes. Com efeito, à luz do que prevê um olhar, necessariamente subjetivo para a pesquisa de base etnográfica, neste relato de experiência, nos propomos, enquanto pesquisador, de acordo com Geertz, a nos adentrarmos na chamada descrição densa, ‘casca dura’ da existência humana de seus colaboradores, marca primeira de qualquer empreendimento etnográfico de qualidade. Para as concepções de memória e suas ressignificações lançamos mão dos estudos Changeux (1974), Le Goff (2002), Zumthor (1993) e Barthes (1971), para quem o comportamento narrativo tem uma função social que transcende a mera fixação mecânica da informação. Entendendo a memória como “não só ordenação de vestígios, mas releituras destes” (CHANGEUX 1974, p. 35), “reconstrução regenerativa” (LE GOFF, 2002, p. 430) e “onde tudo isso sobrevive” (HAVELOCK (1996, p. 274). Por fim, para análise das relações de subalternidade e resistência entre a cultura popular e o contexto socioeconômico no qual está inserida contribuem os estudos de Ayala e Ayala (1995) e Ayala (2010), baseados nos estudos de Bastide, Florestan Fernandes e Xidieh. Os dados avaliados nos revelaram que, enquanto atividade dialógica e inserida em contextos sociais e fenomenológicos complexos, a cantoria

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

na contemporaneidade, refrata, se ressignifica e reproduz impressões de mundos os mais diversos. A força do improviso, em um universo sócio-político e econômico cada vez mais complexo, controverso e ameaçador – sobretudo no Nordeste brasileiro – exige do cantador cada vez poder de atualização e criatividade.

Palavras-chave: Conjuntura político-partidária, (Ser)tão, Eleições de 2018, Cantador de Viola, Improviso.

I. INTRODUÇÃO.

Se no imaginário que povoa o Nordeste brasileiro política partidária se funde com paixão, em ano eleitoral tal quadro se agrava. Neste sentido, como as estruturas sócio-políticas e econômicas interferem e se refratam nas diferentes expressões e subjetividades, típicas das culturas que povoam o imaginário do povo – dentre as quais se inclui a cantoria de viola – inevitavelmente os produtos culturais que daí advêm, caso da produção poética improvisada dos cantadores de viola, denunciam e/ou repercutem estados de espírito, sensações, inquietações, revoltas, denúncias e subjetividades em cascata por demais complexos. Ademais, para além das questões político-partidárias, um fato – indissociavelmente ligado à judicialização da política no ano de 2018 - foi determinante para que o quadro de inquietação social se agravasse exponencialmente: a prisão, no dia 07/04/2018, do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, condenado em Segunda Instância pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região, sediado no Paraná, sob diversas acusações, dentre as quais, os crimes de Corrupção Passiva e Formação de Quadrilha. O clima de apreensão, que fundia um misto de revolta, alívio, crítica favoráveis e contrárias à decisão proferida, quando amalgamada pelo caldo da paixão pelo político nordestino, polarizava-se em meio ao espaço dos pés-de-parede e festivais de cantadores por onde nos movíamos máximas do tipo: “Pai dos pobres”, “O único que olhou para nós,” “Papai Lulinha não pode ser preso”, “Se roubou, mais gente roubou mais que ele e ainda tá preso,” “quem devia tá preso era o Moro”, dentre outras máximas impublicáveis”.

II. METODOLOGIA.

Portanto, é a partir deste contexto histórico que este recorte de memórias se delimita: com base em um corpus extraído da análise de 02 eventos de cantoria (o primeiro, na modalidade pé-de-parede, referente a um longo baião de 32 sextilhas, improvisado a partir de

uma pejeja argumentativa, na qual os cantadores confrontaram posições favoráveis e contrárias à prisão do ex-presidente Lula; e o segundo, na modalidade de festival de cantadores, na qual os repentistas glosaram o seguinte Mote em Dez: “*Abra os olhos, Brasil, chegou a hora/ De mudar os destinos da nação*”), respectivamente, realizados no dia 07/06/2018, na cidade de Campina Grande (PB), entre os cantadores Raimundo Caetano e Felipe Pereira; e o segundo, no dia 18/08/2018, na cidade Buenos Aires (PB), mote glosado pela dupla de repentistas Manoel Messias e José Albino.

A escolha, portanto, dos dois recortes a serem estudados se justifica por duas razões fundantes: a primeira delas refere-se ao fato de que os dois eventos de cantoria abordam momentos distintos de percepção do fenômeno político o qual vivenciávamos, ambos ocorridos no período pós-prisão do ex-presidente: um lapso temporal imediatamente próximo à prisão, dia 07/06/2018, e outro mais distante, dia 18/08/2018. Por outro lado, o fato de o segundo evento a ser analisado ter se realizado no estado de Pernambuco, e próximo à terra natal do ex-presidente, a cidade de Garanhuns, põe em cena uma segunda complexidade justificadora da escolha deste evento de cantoria. Memoriar uma pejeja de improviso de viola na qual os cantadores, em performance, polarizavam posições divergentes acerca de questões atinentes à história, perfil administrativo, lembranças, paixões, bem como a prisão do ex-presidente, no seu solo nativo, traz à pesquisa um componente de grande relevância e pertinência, uma vez que muitas são as variáveis envolvidas neste relato de experiência: a percepção dos comportamentos, reações de apoio, apupos, aplausos e vaias da plateia; mudanças de estratégias e sutilezas dos sujeitos cantadores em performances, a partir dos feedbacks recebidos; as movências de subjetividades entre plateia, cantadores e pesquisador, já que, em ambos os eventos, estávamos presentes e no meio do povo e, portanto, pudemos experienciar, na medida do possível, tais comportamentos.

Em ambas as situações performáticas analisadas no recorte, uma constatação ímpar precisa de ser mais aclarada: nas poéticas de tradição oral, das quais a cantoria de viola faz parte, não pode haver performance sem a necessária interação da plateia. Na relação autor, obra e público, decantada por Cândido (1975), reproduzido por Ayala (2010), doravante A-O-P, a força da plateia é que oxigena a cantoria. A vida da poesia, enquanto materialização da própria vida humana, tem na relação cantador e plateia, na cantoria de viola, um viés de pragmatismo que transcende o meramente estético e se adentra – via performance – na alma da linguagem, no dizer de Heidegger; não é à toa que os longos ponteios de viola, que antecedem os baiões

das sextilhas, ocorrem, podem sugerir momentos raros, na cantoria, de reconhecimento da plateia, de percepção subjetiva de um estado de alma poética, expressão de Bachelard, que está prestes a se exteriorizar. A epifania do vocal precisa de uma motivação prévia. A provocação do som vocal, do fone, segundo Zumthor e Bachelard, mexe numa alma interior que, provocada, incita um dizer poético.

Por outro lado, no dizer de Zumthor, a força da vocalidade - aqui compreendida como a historicidade da voz, seu uso - exige uma escuta singular, íntima, processo que exige do intérprete/apologista da cantoria “perceber, o rumor, vibrante ou confuso, de um discurso que fala da própria voz que carrega” historicamente. (ZUMTHOR, 1993, p. 35). Antecipando o que reafirmaria Benveniste mais de 50 anos depois, Zumthor, ao tratar o texto como uma das oportunidades do chamado gesto vocal, reconhece a quase impossibilidade de captar tais gestos pelas sombras dos séculos. Muitas seriam as camadas sucessivas de histórias, apagamentos e esquecimentos que vão, estrategicamente ou não, sendo esquecidas. É nesta compreensão que entra em cena o que aqui entendemos como memória, compreendida, na perspectiva de Changeux (1974, p. 35), como “releitura de vestígios” ou “reconstrução regenerativa” de fatos da vida”, segundo Le Goff (2002, p. 430). Sem a “sobrevivência desta memória”, no dizer de Havelock (1996, p. 274) não haveria tradição e, com efeito, se decretaria o fim de todas formas de expressão poética que têm no oral a sua força maior. Logo, neste sentido, não se pode falar de tradição sem se referir ao valor discursivo da voz através da história. Para nós, estudiosos das culturas ágrafas, uma advertência, com tons meio que antropológicos, de Zumthor merece ser referenciada: “Pelo que concerne à poesia, a escritura parece moderna: a voz, antiga. Mas a voz ‘moderniza-se’ pouco a pouco: ela atestará um dia, em plena ‘sociedade do ter’, a permanência de uma ‘sociedade do ser’.” (ZUMTHOR, 1993, p. 26).

Em outra perspectiva, é preciso entender que, como todas as manifestações culturais, a cantoria de viola, enquanto prática cultural inserida no grande leque de tradições discursivas que tem raízes no popular, é determinada sócio, histórica e culturalmente pelo contexto na qual está inserida. Nesta perspectiva, as contribuições dos estudos de Ayala e Ayala (1995), embasadas nos estudos de Roger Bastide, Florestan Fernandes e Oswaldo Elias Xidieh, são importantes para aclarar esta questão. Com efeito, para melhor entendermos a cantoria de viola, hoje, - se como brava sobrevivente de uma tradição que teima em se manter viva, apesar das pressões contra ela operadas por todos os elementos da chamada cultura de massa, que tenta unificar e/ou uniformizar hábitos, costumes, comportamentos, fazeres e ‘sentires’ diversos; ou até como uma prática cultural que se ressignificou e se ‘viralizou’ nos novos tempos, através

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

das mídias sociais, fiéis retroalimentadoras dessa cultura de massa - lançamos mão, inicialmente, do pensar de Bastide (apud. AYALA e AYALA), para quem

(...) se as estruturas sociais se modelam conforme as normas culturais, a cultura por sua vez não pode existir sem uma estrutura que não só lhe sirva de base, mas que é ainda um dos fatores de sua criação ou de sua metamorfose. (AYALA e AYALA, 1995, p. 32)

Pensar, com efeito, na indissociável relação entre a cultura do repente e o mundo que a circunscreve impõe-se, neste trabalho, como uma condição inata, já que o percurso histórico por que vem passando a cantoria de viola no Brasil, com suas transformações as mais diversas, sobretudo a partir dos anos 70 – desde estéticas, através da (re)criação de novas modalidades e/ou gêneros, aliada à crescente onda de estudos acadêmicos acerca da temática; passando por políticas, com mudanças explícitas de mentalidade na forma como a atividade da viola vem sendo conduzida, através de sua projeção, por meio do eficaz uso das mídias sociais; e até profissionais, através do incremento de melhores condições de trabalho dos cantadores – são, por assim dizer, conquistas realizadas em meio às lutas de classes, resistências e embates políticos nos quais o poder econômico sempre ditou ordens. A infraestrutura econômica, por assim dizer, em uma sociedade de classe, marcada por profundas desigualdades sociais, ao ditar normas, valores e paradigmas, também cria resistentes, quer seja na política, na economia, nas relações trabalhistas e, com efeito, nas expressões culturais, matrizes dos anseios, ansiedades e sentimentos do povo. Enquanto expressão destes anseios, a cantoria de viola vem construindo historicamente espaços e horizontes que, embora sintonizados com a tradição – aqui entendida como motor fundante da história desta arte – vem construindo delicados e complexos espaços de concorrência lado a lado com a cultura de massa, ‘meninas dos olhos’ da chamada pós-modernidade que põe em cena, por meio das mídias sociais, o ‘projeto mágico e encantador’ que promete resolver todos os problemas da humanidade.

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO.

Estar atualizado é condição precípua para que o cantador possa auferir sucesso junto a sua plateia. Os temas emergenciais que têm movimentado o país nos últimos anos, bem como algumas tragédias naturais, têm sido bastante referenciados nas cantorias. Nesta, em especial, grandes temas, especialmente, provocaram grandes elogios, aplausos e repercussões os mais

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

diversos: a persistente exploração da temática da prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva; o desempenho do atual governo; as recentes controvérsias envolvendo o ministro do Supremo Tribunal Federal (responsável pela soltura de muitos réus envolvidos na chamada operação Lava-Jato); a greve recente dos caminhoneiros; e o mais recente tragédia natural ocorrida na Guatemala, onde um vulcão entrou em erupção, matando centenas de pessoas. Em função das exigências metodológicas limitadoras do recorte estabelecido, transcreveremos, abaixo, a partir do longo baião de 32 sextilhas, defendido pela dupla Felipe Pereira (23 anos) e Raimundo Caetano (64 anos) - doravante identificados, respectivamente, por “FP” e “RC” - apenas parte das estrofes responsáveis pela polarização dos argumentos provocados pela prisão do ex-presidente Lula, bem como as questões de corrupção investigadas, envolvendo o seu partido – o PT – as quais, segundo a Justiça brasileira, suscitaram sua prisão. Vejamos:

06

*Tá cada dia pior
Em cada comunidade
Temer que rouba tá solto
Lula tá detrás da grade
Quem tá preso tem mais voto
De quem tá é liberado (RC)*

07

*Vejo crises de verdade
Em cargos comissionados
Se escândalo da Câmara
Tem caso de deputado
Praticando nepotismo
E ajudando esses estados (FP)*

08

*Os nomes valorizados
Porque subiram um bocado
E até prá Lava-Jato
O caldo bem entornado
E o grupo que investiga
Pode ser investigado (RC)*

09

*Com o nosso país quebrado
Eu muito mal já respiro
E como sou de centro-esquerda
Olhando a política sugiro
Que o PT sem ter Lula
Ceda o apoio pra Ciro (FP)*

10

*Uma coisa eu admiro
Nesse política que vem
Querem combater o foro
Mas somente para alguém
Foro pra mim num é vergonha
Se o cabra tiver também (RC)*

11

*No nosso país vejo bem
A crise por todo Estado*

*Jacques Vagner, ex-ministro,
Tá sendo solicitado
Mas não quer a presidência
Tá de olho é no Senado (FP)*

12

*PT criminalizado
Enchendo delegacias
Por outro lado tucanos
Têm diversas regalias
Que somente o Gilmar
Soltou vinte em quinze dias (RC)*

13

*Vejo muitas regalias
E a crise na quantidade
Posso confiar em Lula
Mas não confio em Haddad
Que quando foi prá São Paulo
Quase quebrava a cidade (FP)*

14

*Isso aí não é verdade
Deve falar com clareza
Quarenta e cinco milhões
Ascenderam da pobreza
Os que não tinham direito
De ter comida na mesa (RC)*

15

*Sem se importar com riqueza
E dando valor Michel
No rombo da Petrobrás
O PT tá no plantel
Se tiver alguma dúvida
Pergunte prá Pimentel (FP)*

16

*Você faz outro papel
E não fala na sua laia
Nem Eunício de Oliveira*

*E nem o Rodrigo Maia
O Brasil não mais aguenta
Um show de maracutaia (RC)*
17

*Seu ato merece vaia
Que eu não estou preocupado
O PT que é defendido
Botou crise em todo Estado
E ainda apoiou Eunício
A presidir o Senado (FP)*
18

*O Brasil tem afundado
E quem está seu redor
Petistas foram julgados
Pagaram sangue e suor
Mas num tão mais no governo
E o Brasil ficou pior (RC)*
19

*Roubaram nosso suor
Desde o tempo de outrora
Os nossos aposentados
Gleise Hofman ainda explora
É o sujo com o mal lavado
É o que eu tou vendo agora (FP)*
20

*O Brasil era lá fora
Visto como paraíso
Só você está dizendo
Que o PT deu prejuízo
O eleitor de Jair
Está perdendo o juízo (RC)*

21
*O PT deu prejuízo
Isso eu já vi no papel
No rolo de tanta crise
Eu não tou nesse plantel
Porque quem votou em Dilma
Também votou em Michel (FP)*
22

*O PT teve o papel
De trazer cidadania
De fazer esse país
Virar sexta economia
Se acaso o senhor não viu
Deve ser cego de guia (RC)*

23
*Sem nossa democracia
Você apaga Felipe
Não é no caso do SUS
E dos doentes de gripe
Fale com Jackson Barreto
Governador do Sergipe (FP)*
24

*O PT com sua equipe
Botou luz em toda placa
Distribuiu mais as rendas
A dívida externa foi paga*

*A verdade é uma luz
Que a mentira não apaga (RC)*

25
*Mas o PT quase estraga
A nossa nação bacana
Que aqui nesse Nordeste
Que só fizeram gincana
O Ceará quase quebra
Com o Camilo Santana (FP)*
26

*Eu vi que essa semana
No (ininteligível) de caipora
Colocar FHC
E aqueles roubos de outrora
Mas como o velho é tucano
Nossos (ininteligível) ignora (RC)*
27

*Mas o PT inda explora
O valor, nosso ideal
Pois então falo de Lula
O seu líder principal
Que ele deu vez a Marum
E a tida gangue do mal (FP)*
28

*Lula é especial
E ajuda trabalhador
E falando mal de Lula
Eu só tou vendo o senhor
Quanta falta de visão
Prá ser um bom cantador (RC)*
29

*Nesse papel sem valor
Acho que você rascunha
O seu líder que tá preso
Que não merece uma alcunha
Pôs na vice-presidência
Da Caixa, Eduardo Cunha. (FP)*
30

*Todo mundo é testemunha
Do que se deu no PT
Lula agora se está preso
E eu posso dizer por que
Porque tentou ajudar
A pobres como você (RC)*
31

*Eu, como vi na TV,
Em todo caso estou lembrando
Junto ao PMDB
O PT tá se lembrando
Desde 2002
Que Renan tá no comando (FP)*
32

*Eu vejo você queimando
Uma pessoa perfeita
Mas essa sua versão
O mundo todo rejeita
Você aplica uma tese
Que o planeta não aceita (RC)*

De um simples baião que tratava de assuntos gerais e conjunturais o gênero migrou para uma contenda cujo assunto central passou a se delinear progressivamente para um confronto com posições favoráveis e contrárias à prisão do ex-presidente Lula. Este fato tem gerado repercussão e embate entre os dois cantadores. Segundo depoimento do próprio Felipe Pereira, em cantoria realizada pela mesma dupla na cidade de Sertânia (PE) no final de semana anterior, a mesma pelega se travara entre os oponentes, com Raimundo Caetano defendendo os feitos do governo do PT (e com efeito advogando em defesa da suposta injustiça a que vem sofrendo o ex-presidente Lula) e Felipe Pereira se alinhando em posição diametralmente oposta, isto é, alimentando a argumentação dos supostos delitos cometidos por Lula.

Nesta compreensão a estrofe 12 *“PT criminalizado/ Enchendo delegacias/ Por outro lado tucanos/ Têm diversas regalias/ Que somente o Gilmar/ Soltou vinte em quinze dias (RC)”* abre-se à posição divergente, responsável pelo início da contenda. As referências do cantador Raimundo Caetano acerca dos atos de liberação de uma série de réus da chamada operação Lava-Jato, promovida pelo ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, bem como a suposta impunidade dos políticos do PSDB, arrancou ovacionados aplausos da plateia.

Entretanto, mais aplausos se verificaram quando o cantador Felipe Pereira, em estrofe monumental, assim se referiu a seu oponente, pondo aumentando cada vez mais o tom crítico do suposto descalabrado do governo do PT, e arrancando aplausos cada vez mais efusivos. Na estrofe 29 assim se referiu: *“Nesse papel sem valor/ Acho que você rascunha/ O seu líder que tá preso/ Que não merece uma alcunha/ Pôs na vice-presidência/ Da Caixa, Eduardo Cunha”*. A ligação, feita pelo cantador, entre o PT e o já condenado ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Eduardo Cunha – responsável pelo desvio de milhões de reais em escândalos de propinas – parece, na porfia estabelecida, adquirir tons limitantes de grande criatividade na medida em que rebaixa, nos versos, a condição de réu do ex-presidente Lula, impondo-lhe o castigo de, sequer, ter uma alcunha. No mundo do crime, não se ter uma alcunha (apelido depreciativo de todo bandido) significa estar abaixo da condição de bandido. A resposta do cantador Raimundo Caetano aos insultos, de grande equilíbrio no assunto, não menos inteligente e criativa, na estrofe 30, expõe o mérito e a fama de cantador completo: *“Todo mundo é testemunha/ Do que se deu no PT/ Lula agora se está preso/ E eu posso dizer por que/ Porque tentou ajudar/ A pobres como você”*. Aplaudido de pé, o cantador parece demonstrar grande carga de memória e conhecimento do assunto. Atrelado ao discurso dos feitos sociais do governo do PT, a todo momento o cantador provoca seu oponente à reflexão dos feitos do governo. Acusando-o de cego de guia, despreparado e desatualizado, Raimundo Caetano

(83) 3322.3222

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

consegue, nos versos, conciliar frieza, equilíbrio e sutileza na exposição do assunto. Senão vejamos na estrofe 22 “*O PT teve o papel/ De trazer cidadania/ De fazer esse país/ Virar sexta economia/ Se acaso o senhor não viu/ Deve ser cego de guia*” bem como na 32: “*Eu vejo você queimando/ Uma pessoa perfeita/ Mas essa sua versão/ O mundo todo rejeita/ Você aplica uma tese/ Que o planeta não aceita*”. O limite da defesa do ídolo político Lula, feita pelo cantador, está na comparação que este faz do ex-presidente coma ideia de perfeição.

Na estrofe 18, por sua vez, o cantador desenvolve, nas estrofes, habilmente dois jogos discursivos: a tentativa de martirizar os representantes do PT, aliada ao fato de excluí-los de um eventual fiasco do governo, cujas repercussões, em todas as instâncias sociais e políticas, ainda hoje sentimos. Vejamos: “*O Brasil tem afundado/ E quem está seu redor/ Petistas foram julgados/ Pagaram sangue e suor/ Mas num tão mais no governo/ E o Brasil ficou pior*”.

Por outro lado, demonstrando grande capacidade de atualização, o cantador Felipe Pereira, em uma única estrofe - ao referenciar o presidente Michel Temer (bastante fragilizado no seu governo por acusações de corrupção e tráfico de influência, e protegido pelo foro privilegiado, que o impede de ser processado e julgado no exercício do cargo), o atual governador de Minas Gerais (acusado de receber propinas da Lava-Jato e também protegido pelo chamado foro privilegiado, ou prerrogativa de função), bem como os escândalos envolvendo corrupção nas gestões recentes da Petrobrás (a chamada operação Lava-Jato) – expõe uma qualidade bastante comum na maioria dos cantadores atuais: a capacidade de domínio dos assuntos, típica de um elevado poder de atualização. Senão vejamos a estrofe 15 do baião: “*Sem se importar com riqueza/ E dando valor Michel/ No rombo da Petrobrás/ O PT tá no plantel/ Se tiver alguma dúvida/ Pergunte prá Pimentel*”. Com efeito, a massificação das informações que as mídias sociais podem proporcionar, atreladas ao fato de que muitos dos cantadores apresentam razoável nível de letramento escolar,¹ são fatores fundamentais, no sistema de cantoria, na contemporaneidade, para que os profissionais possam, por exemplo, a poucos minutos que antecedem à cantoria, explorar os assuntos nos seus baiões. O elenco de sujeitos políticos, bem como de temáticas, atuais que o cantador Felipe pereira aborda, é vasto. Em 10 estrofes distintas, pelo menos, 07 personagens do cenário da política atual, envolvidos

¹ Dos cantadores que vem contribuindo com a pesquisa, Edmilson Ferreira, Sebastiao Dias e Helânio Moreira têm formação superior. O primeiro deles defendeu é Mestre em Linguística pelo Proling/UFPB, com texto defendido, em 2017, com o seguinte título: *Desafio no Repente: A poética da cantoria na contemporaneidade*, sob a orientação da profa. Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello (in memoriam); o segundo deles é Licenciado em História pela UVA, com especialização na área da cultura popular; já o último deles, Helânio Moreira, é licenciado em Letras-Língua Portuguesa, desde 2015, pela Universidade Estadual da Paraíba.

em escândalos, são citados: Eduardo Cunha² (Estrofe 29), Camilo Santana³ (Estrofe 25), Jackson Barreto⁴ (Estrofe 23); Gleisi Hoffmann⁵ (Estrofe 19), Gilmar Mendes⁶ (Ministro do STF), Luís Inácio da Silva⁷, Lula (Ex-presidente da República), Ciro Gomes (Estrofe 09), Jacques Wágner⁸ (Estrofe 11), Marum (Estrofe 27),⁹ Fernando Pimentel¹⁰ (Estrofe 15), e Fernando Hadad¹¹ (Estrofe 13).

Por sua vez, o segundo registro, extraído do Evento 13, refere-se ao Mote em Dez, desenvolvido a partir do tema “*Abra os olhos, Brasil, chegou a hora/ De mudar os destinos da nação*”, defendido pela dupla Manoel Messias (terceira geração do repente) e Zé Albino (da primeira geração do repente), ambos do Rio Grande do Norte. Ainda na tônica da denúncia das mazelas políticas, que culminaram com o período pré-eleitoral, que atravessava o Brasil, mais uma vez a questão que adveio da prisão do ex-presidente Lula é posta em evidência, com a criação explícita, entre os dois cantadores, de polarizante defesa de tese: de um lado, o cantador Manoel Messias, acusando o ex-presidente de corrupto e de governo inficaz; e de outro, Zé Albino – se não defendendo o ex-presidente Lula, mas pondo-se, claramente do lado do povo ao perceber a repercussão negativa que o discurso de seu parceiro provocara em uma plateia em êxtase e em estado crescente de revolta. O que percebemos, na evolução temática deste baião, é a profunda interação da plateia, monitorando, dialogando e/ou interferindo nos rumos

² Ex-deputado Federal (RJ): Ex-presidente da Caixa Econômica Federal e preso acusado de corrupção e desvios de verba na chamada Operação Lava-Jato)

³ Governador do Ceará na gestão de 2012-2016. Eleito pela coligação encabeçada pelo Partidos Trabalhadores.

⁴ Governador de Sergipe.

⁵ Senadora do estado do Paraná e presidente nacional do Partido dos Trabalhadores. Atualmente, processada pelo Supremo Tribunal Federal, mas goza de prerrogativa de foro, que impede que seja julgada durante o mandato.

⁶ Um dos atuais ministros do Supremo Tribunal Federal. Responsável pela liberação (via liminar) de uma série de políticos envolvidos em diversas operações de corrupção no Brasil.

⁷ Atualmente preso, por via de condenação em segunda instância (Tribunal Regional Federal – 4ª Região no Paraná)

⁸ Ex-governador da Bahia (Gestão 2008-2012) e militante histórico do Partido dos Trabalhadores.

⁹ Deputado federal (MDB) pelo estado do Mato Grosso do Sul. Atualmente exerce o cargo de Chefe da Casa Civil da Presidência da República. Ficou bastante conhecido em 2015, no cenário da mídia, quando improvisou “dancinhas” após a sua bancada – chamada de tropa de choque do Governo – ter conseguido impedir que a primeira denúncia de crime de responsabilidade contra o atual presidente Michel Temer progredisse na Câmara dos Deputados. (Disponível em: ><https://www.cartacapital.com.br/politica/quem-e-carlos-marun-o-deputado-que-dancou-para-celebrar-salvacao-de-temer><. Data da consulta 18/06/2018).

¹⁰ Atual governador de Minas Gerais. Acusado pelo Supremo Tribunal Federal de receber 15 milhões de reais da empreiteira Odebrecht, no momento o processo se encontra parado, em função da chamada prerrogativa de foro, que impede que ele seja processado e julgado no decorrer do cargo. (Disponível em: ><https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/governador-de-minas-continua-desaparecido-para-a-justica/><. Data da consulta: 18/06/2018).

¹¹ Ex-Prefeito de São Paulo (Gestão 2012-2016), já foi Ministro da Educação no Governo da ex-Presidente Dilma Housseff.

da glosa deveria tomar. A estratégia argumentativa do cantador Zé Albino para conduzir o seu ponto de vista, nas glosas defendidas, une astúcia e sensibilidade. Ao perceber o profundo mal-estar que as estrofes 01 e 03, de Manoel Messias, provocou na plateia - pelas declarações contundentes contrárias ao ex-presidente Lula, geradoras de insultos e vaias do público - Zé Albino – que na estrofe 02 parece ainda não ter definida a sua posição ideológica, limitando-se apenas, nesta estrofe, a defender a importância do voto – a partir da estrofe 04, possivelmente ‘pressionado’ pelos ecos da plenária, polariza a peleja, identifica-se com o pensar da plateia e arranca aplausos efusivos. Na estrofe 06, convicto da sua posição ideológica na peleja, passa a criticar, na estrofe 06, abaixo transcrita, os candidatos até então defendidos pelo seu oponente na estrofe 03. Senão vejamos:

06

*Esse prazo de um lado se venceu
E está na hora de um novo destino
Prá falar esse termos hoje eu combino
Defendendo o Brasil que é um chão meu
Ciro Gomes não tem um voto meu
Bolsonaro prá mim é um ladrão
Vou rasgar esse título na questão
Que é prá ver se o Brasil ganha melhora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (ZA)*

Por outro lado, o comportamento discursivo do cantador Manoel Messias, ao referenciar a violência e seus efeitos, bem como os instrumentos correlatos para consecução de tais atos, como: “faca” e “munheca tora”, (Estrofe 01), “arma”, “atiro” (estrofe 03) e “pisa” (Estrofe 07), associa-se às posições político-ideológicas de um dos candidatos à Presidência da República – de alinhamento político da chamada direita – em cujas principais propostas está a liberação do porte de arma para o cidadão comum. Nos versos da estrofe 03 “*O meu voto hoje à noite aqui é claro/ Que a arma que uso eu pego e atiro*” a força da ambiguidade entre “voto”, “arma”, “pego” e “atiro” impõe-se como poderosa força semântica que funde o desejo do voto como arma de luta e transformação com alusão pura e simples a uma das propostas de campanha deste candidato, da qual o cantador é porta-voz e que conduziu o capitão Bolsonaro ao segundo turno

das eleições para Presidência da República, com 46,03% dos votos válidos, isto é, 49.250.528 votos. Vejamos a estrofe:

03

*O meu voto hoje à noite aqui é claro
Que a arma que uso eu pego e atiro
E eu penso que o voto irá em Ciro
Que por ele eu pego e não me infaro
O meu voto vai ser de Bolsonaro
Que eu gostei do seu jeito cidadão
Essa dupla formada com nuance
E o Brasil não começa a dijotora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (MM)*

(Gritos e muitas vaias, acusando todos de ladrões e desordeiros, com defesa explícita da inocência de Lula)

Com efeito, nos versos desta estrofe “*E eu penso que o voto irá em Ciro/ Que por ele eu pego e não me infaro/ O meu voto vai ser de Bolsonaro/ Que eu gostei do seu jeito cidadão,*” (Grifos nossos), embora aparente certa indefinição na escolha de seu candidato – já que, do ponto de vista sintático-semântico, as expressões assinaladas assumam com rigor o mesmo sentido (“*Voto vai ser*” e “*voto irá(ser)*”, tempo verbal futuro do presente do indicativo, ação concreta a se realizar)) - fica explícita, no contexto dos versos, a posição assumida pelo cantador: eleitor de Bolsonaro, permanecendo o candidato Ciro Gomes – aquele não é “infarento¹²”, agradável, interessante. O voto do cantador “*Vai ser*”, no sentido de “*será*”, com convicção, de Bolsonaro. Em “*O voto irá (ser) em Ciro*) expressão “*Írá*” (*ser*) assume carga semântica de “*poderá ser*”, possibilidade, por exemplo, de quem sabe, este candidato pudesse ir ao segundo turno, em disputa com qualquer outro que não fosse Bolsonaro.

Contudo, ainda na estrofe 01, uma cena discursiva chama atenção nos versos “*Lá em casa a mulher é quem me adula,/Mas não deixo votar nesse ladrão/Nesse dia se ela usar a mão/Minha faca sua munheca tora/Abra os olhos, Brasil, chegou a hora/De mudar os destinos da nação*”. O explícito controle e dominação do macho sobre a fêmea, que transcende o monitoramento intelectual e vai às raias da mutilação física - aquele que, ao tempo em que se

¹² Adjetivo utilizado para qualificar pessoa chata, difícil de se conviver. Também pode ser usada para qualificar negativamente coisas em geral, como por exemplo comidas, lugares etc. (Disponível em: > <https://www.dicionarioinformal.com.br/infarento/><. Data da consulta: 10/10/2018.

deixa ser adulado, ameaça a sua vítima, mulher, fêmea e indefesa, com a maior das mutilações caso lhe desobedeça; cortando-lhe a munheca, tolhe-lhe o direito de publicizar o que pensa livremente. O ‘castigo’ da desobediência à vontade livre de expressão – típica das ideologias de direita – é proporcional ao ‘dano’ provocado na concepção de quem julga o ato. Abaixo, transcrevemos, na íntegra, o referido Mote em Dez¹³: *Abra os olhos, Brasil, chegou a hora/ De mudar os destinos da nação*

01

*A despesa do preito não calcula
Que é enorme esse nosso prejuízo
É preciso que a gente use o juízo
E nunca mais dê um voto para o Lula
Lá em casa a mulher é quem me adula,
Mas não deixo votar nesse ladrão*

02

*Ô Brasil, eu pretendo lhe afirmar
Cada vez que eu vejo lhe afundando
Tem ladrão e ladrão sob o comando
E o intuito é prá coisa piorar
É melhor escolher em quem votar
É preciso tomar a decisão
Que quem vota em cretino e em ladrão
Ao invés de melhora tem piora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (ZA)*

03

*O meu voto hoje à noite aqui é claro
Que a arma que uso eu pego e atiro
E eu penso que o voto irá em Ciro
Que por ele eu pego e não me infaro
O meu voto vai ser de Bolsonaro
Que eu gostei do seu jeito cidadão
(Aplausos efusivos e assovios incontidos e histéricos).*

Nesse dia se ela usar a mão

*Minha faca sua munheca tora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (MM)*

(Muita vaia de reprovação ao mote que trata do ex-presidente Lula, preso em Curitiba e condenado em segunda instância por crime de corrupção)

Essa dupla formada com nuance

*E o Brasil não começa a dijotora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (MM)*

(Gritos e muitas vaias, acusando todos de ladrões e desordeiros, com defesa explícita da inocência de Lula)

04

*O Brasil que é grande e independência
Pra vocês eu pretendo aqui falar
Eu já sei também em quem votar
É em Lula de grande experiência
Prá poder acabar com a violência
E prendendo o sujeito que é ladrão
Já que Lula persiste na prisão
Vou tirar essa grade e pôr prá fora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (ZA)*

¹³ Gravação em mídia eletrônica. Tempo: 06 min 03

05

*É preciso votar, passar no teste
Prá dizer ao povo que aprovo
Lá em cima botar é gente novo
Que trabalhe prá o povo e que preste
Prá trazer mais riqueza prá o Nordeste
Prá olhar com bons olhos prá o Sertão
Porque esse só traz decepção
Cada dia que passa só piora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (MM)*

06

*Esse prazo de um lado se venceu
E está na hora de um novo destino
Prá falar esse termos hoje eu combino
Defendendo o Brasil que é um chão meu
Ciro Gomes não tem um voto meu
Bolsonaro prá mim é um ladrão
Vou rasgar esse título na questão
Que é prá ver se o Brasil ganha melhora
Abra os olhos, Brasil, chegou a hora
De mudar os destinos da nação (ZA)*

07

De toda forma, enquanto arte, o improvisado de viola refrata os fatos do mundo, dando-lhes tons, cores, nuances e aspectos multifacetados os mais diversos e inusitados possíveis do ponto de vista estético. Os diversos suportes de mídia, por sua vez, enquanto catalizadores virtuais da instantaneidade da informação no mundo, agem como potências virtuais que massificam de tal maneira a informação, na contemporaneidade.

IV. CONCLUSÕES.

É preciso, com efeito, entender que, como todas as manifestações culturais, a cantoria de viola, enquanto prática cultural inserida no grande leque de tradições discursivas que tem raízes no popular, é determinada sócio, histórica e culturalmente pelo contexto na qual está

(83) 3322.3224

contato@conadis.com.br

www.conadis.com.br

inserida. Mesmo constituída por uma tradição discursiva marcada pela subalternidade, pelo sentimento de borda, em relação ao cânone tradicional esteticamente posto – muitas vezes na própria academia – a arte do repente resiste, porque o povo resiste; porque é este povo o protagonista de suas histórias, anseios, memórias, frustrações e horizontes de expectativas. Os porta-vozes das inquietações, os cantadores, com efeito, ressignificaram, nas performances, estados polarizados de posições argumentativas que, na verdade, apenas ilustram uma grande acefalia em termos de representação política à solução dos problemas mais emergenciais que o povo atravessa e cujas soluções dependem, sobremaneira, de ações políticas. A ‘nuvem’ de revolta e indignação decorrente da prisão do ex-presidente Lula – para além da (i)legalidade das questões jurisdicionais que culminaram com a sua condenação – e metaforizada nos baiões de sextilhas e nas décimas – podem estar associadas à tese da compreensão popular de que, neste vácuo de abandono social a que o povo, historicamente, vem sendo submetido, em especial no Nordeste, as ações político-administrativas realizadas nos últimos 14 anos pelo gestor condenado suplantariam e/ou mitigariam quaisquer penalidades a ele infringidas.

REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez. *ABC, Folheto, Romance ou Verso: a literatura impressa que se quer oral*. In: Revista Graphos. João Pessoa. Vol. 12. N. 02, Dez. 2010. (P. 52-73).

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil. Perspectivas de Análise*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escritura*. (Tradução de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini). São Paulo: Cultrix, 1971.

BENVENISTE, Émile. *Últimas Aulas no Collège de France*. (Tradução Daniel Costa da Silva (et al)). São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

CHANGEUX, J.P. *Discussão entre Changeux e A. Danchin: aprender pela estabilização seletiva de sinapses nos Cursos de Desenvolvimento*. (Tradução do Francês sem autoria especificada). Paris: 1974.

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. (Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback). Petrópolis (RJ): Vozes/ Bragança Paulista (SP): Editora Universidade São Francisco, 2003.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente (Vol. II)*. Bauru (SP): Edusc, 2002.

HAVELOCK, Eric. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Consequências Culturais*. (Tradução de Ordep José Serra). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: A “Literatura” Medieval*. (Tradução de Amálio Pinheiro (Parte I); Jerusa Pires Ferreira (Parte II)). São Paulo (SP): Companhia das Letras, 1993.

_____ *Introdução à Poesia Oral.* (Tradução de Jerusa Pires Ferreira, et. al). Belo Horizonte (MG): Editora da UFMG, 2010.